

O LUGAR DOS MAPAS MENTAIS NA REPRESENTAÇÃO DO LUGAR

Rosely Sampaio Archela¹
 Lucia Helena B. Gratão²
 Maria A. S. Trostdorf³

RESUMO: Reflexão sobre o papel dos mapas mentais na representação do lugar, enfocando seu significado no ensino, a partir de abordagens apoiadas na Psicologia, Cartografia e Geografia. Traz alguns conceitos fundamentais para a compreensão do lugar na Geografia e um ensaio metodológico sobre a utilização de mapas mentais na representação do lugar.

Palavras-chave: mapa ambiental – meio ambiente – cartografia - comunicação

THE PLACE OF THE MENTAL MAPS IN THE REPRESENTATION OF THE PLACE

ABSTRACT: Reflection on the paper of the mental maps in the representation of the place, focusing its meaning in education, from boardings supported in Psychology, Cartography and Geography. It brings some basic concepts for the understanding of the place in Geography and a methodological assay on the use of mental maps in the representation of the place.

Key-words: ambient map - environment - cartography - communication

INTRODUÇÃO

Mapas mentais são imagens espaciais que as pessoas têm de lugares conhecidos, direta ou indiretamente. As representações espaciais mentais podem ser do espaço vivido no cotidiano, como por exemplo, os lugares construídos do presente ou do passado; de localidades espaciais distantes, ou ainda, formadas a partir de acontecimentos sociais, culturais, históricos e econômicos, divulgados nos meios de comunicação.

ABORDAGENS SOBRE MAPAS MENTAIS

A base teórica deste estudo encontra-se pautada sob a ótica de três pesquisadores: o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan, a cartógrafa americana Bárbara Petchenik e o psicólogo suíço Jean Piaget, que fundamentam os novos trabalhos sobre temas relacionados aos mapas mentais.

Os mapas mentais são representações do vivido, são os mapas que trocamos ao longo de nossa história com os lugares experienciados. No mapa mental, representação do saber percebido, o lugar se apresenta tal como ele é, com sua forma, histórias concretas

¹ Professora Associada do Departamento de Geociências do Centro de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Londrina. e-mail: roarchela@uel.br

² Professora Adjunto do Departamento de Geociências do Centro de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Londrina.

³ Especialista em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual de Londrina.

e simbólicas, cujo imaginário é reconhecido como uma forma de apreensão do lugar. (NOGUEIRA, 1994 apud SIMIELLI, 1999). Os mapas mentais revelam como o lugar é compreendido e vivido.

Nogueira (2002) cita o trabalho dos geógrafos Yves André e Antoine Bailly, no qual, os mapas mentais são representações do real e são elaborados por um processo que relaciona percepções próprias visuais, audiovisuais, olfativas, lembranças, coisas conscientes ou inconscientes.

Petchenick (1995), respaldada nas teorias do Livro de Rudolf Arnheim, *Art and Visual Perception*, afirma que “toda percepção é também pensamento, toda razão é também invenção”. Ressalta que apesar das ciências estarem avançadas, ainda não existe uma teoria completa para a leitura de mapas. Aponta que ainda não há nenhuma teoria completa que dê conta do conjunto de seus princípios maiores. Para a autora, a leitura do mapa não consiste em simplesmente uma soma de comparações perceptivas simples, de tamanho ou valor simbólico. Apesar de nos últimos anos várias teorias novas terem surgido e influenciado a cartografia, elas ainda não foram suficientes para tornar mais eficaz o processo de leitura de mapas.

Barbara Petchenick afirma que está surgindo um novo enfoque, formado através do processo mental do homem que cada um constrói ao longo da vida. Sob este ponto de vista, os meios de comunicação, tal como a linguagem e os mapas, não carregam significados, ou melhor, eles desencadeiam o processo.

Para a autora os mapas mentais não são simplesmente arranjos de mapas cartográficos, eles vão muito além do que se pode observar através do olhar, “é uma representação integrada multimodal”, englobando várias representações que ajudam a interpretar a realidade ao redor.

[...] o termo mapa mental parece oferecer muito mais, soa como se tivesse referência com a soma total de todo conhecimento espacial que qualquer indivíduo carrega consigo na forma de conhecimento tácito e imagens espaciais potenciais (PETCHENIK, 1995).

Piaget afirma que, em todos os níveis de desenvolvimento cognitivo, as informações, fornecidas pela percepção e também pela imagem mental, servem de material bruto para a ação ou para a operação mental. Por sua vez, essas atividades mentais exercem influência direta ou indireta sobre a percepção, enriquecendo e orientando o seu funcionamento, à medida que se processa o desenvolvimento mental (PIAGET apud OLIVEIRA, 1976).

O processo de desenvolvimento mental passa por etapas que se realizam, mais cedo ou mais tarde, em função das experiências e do meio onde o indivíduo adquire informações que refletem diretamente na percepção.

Cavalcanti (1998) escreve que o desenvolvimento do mapa mental, no ensino sistematizado, objetiva avaliar o nível da consciência espacial dos alunos; ou seja, entender como compreendem o lugar que vivem. Nesse sentido, a partir de mapas mentais, pode-se conhecer os valores previamente desenvolvidos pelos alunos e avaliar a imagem que eles têm do seu lugar.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, a compreensão geográfica das paisagens significa a construção de imagens vivas dos lugares que passam a fazer parte do universo de conhecimento dos alunos, tornando-se parte de sua cultura (PCN, 1997).

Através das abordagens apresentadas, observa-se que os mapas mentais são desenvolvidos nos indivíduos, segundo as etapas de desenvolvimento mental do homem. Quanto à interpretação dos mapas, sugerem considerar alguns critérios como, por exemplo, faixa etária, diferenças sociais, herança biológica, cultural e educação, pois estes elementos constróem diferentes percepções do espaço.

O “LUGAR” NA GEOGRAFIA

O termo “lugar” em seu sentido geral significa uma porção ou parte do espaço terrestre, uma vez que o espaço é constituído por diferentes lugares que formam a paisagem geográfica.

[...] lugares têm paisagem, e paisagens e espaços têm lugares. O lugar talvez seja o mais fundamental dos três, porque focaliza espaço e paisagem em torno das intenções e experiências humanas (RELPH, 1976).

Como parte do espaço, o lugar é ocupado por sociedades que ali habitam e estabelecem laços tanto no âmbito afetivo, como também nas relações de sobrevivência. O lugar é fundamental no estudo da Geografia. Até o início do século XX, o lugar era usado para definir a Geografia, em seu sentido locacional, como simples conceito de localização espacial. La Blache (1913, apud RELPH, 1976) define a Geografia como “a ciência dos lugares e não dos homens”. Nesse sentido, a definição de lugar consistia em analisar as integrações que variam de lugar para lugar, relacionando o conceito de lugar ao da própria Geografia.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997), o lugar é um dos conceitos imprescindíveis para a compreensão da Geografia como forma de desvendar a natureza dos lugares e do mundo como habitat do homem.

Partindo do imaginário e de sua representação através do mapa mental, é possível levar a criança a realizar novas descobertas e redimensionar a experiência com o seu próprio lugar e a redescobrir seus próprios lugares no mundo. É no lugar que estão as representações da vida cotidiana, os valores, as representações pessoais, as coisas, os lugares que unem e separam pessoas. As representações do imaginário permitem estabelecer relações entre o modo como cada um vê o seu lugar e como cada lugar compõe a paisagem.

A discussão teórico-metodológica sobre lugar na ciência geográfica tem sido feita, atualmente, por geógrafos de abordagem humanista. Na Geografia Humanista, o conceito de lugar compartilha tanto a localização como o meio ambiente físico.

[...] o lugar é o espaço que se torna familiar às pessoas, consiste no espaço vivido da experiência. Como um mero espaço se torna um lugar intensamente humano é uma tarefa para o geógrafo humanista “*sic*”, para tanto, ele apela a interesses distintamente humanísticos como a natureza da experiência, a qualidade de ligação emocional dos objetos físicos as funções dos conceitos e símbolos na criação de identidade do lugar (TUAN, 1982, apud HOLZER, 1999).

Para esse autor, todos os lugares são pequenos mundos: o sentido de mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível de relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação, mas o poder dos símbolos, para criar lugares, depende em última análise, das emoções. (TUAN, 1979, apud HOLZER, 1999).

[...] ao propor o estudo da Geografia sob as duas óticas, o lugar como localização e como um artefato único, Tuan (1979) opta pela segunda forma de interpretação da ciência geográfica, justificando sua escolha pela afirmação de que o lugar engloba as experiências e as aspirações do ser humano, constituindo uma realidade que deve ser interpretada à luz da compreensão das pessoas que integram o universo de atuação do estudo geográfico. O autor reforça “*que o espaço não é uma idéia, mas um conjunto complexo de idéias [...] o lugar é um espaço estruturado*” (TUAN, apud HOLZER, 1979).

Em relação à importância do lugar para o estudo da Geografia, deve-se ainda considerar dois de seus componentes fundamentais: a identidade e a estabilidade. O primeiro refere-se ao espírito, ao sentimento do lugar, ou seja, à topofilia, ao lugar.

[...] topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal (TUAN, 1980).

Assim, deve-se enfatizar que existe uma relação entre as noções de lugar e distância, definida por Fremont (1982 apud HOLZER 1999) como “*a relação mais simples entre dois lugares ou entre dois homens*”. Para este autor existem cinco tipos de distância: distância métrica, distância tempo, distância afetiva, distância ecológica, distância estrutural.

Segundo Holzer (1999), deve-se reforçar que o deslocamento entre diferentes lugares permite estabelecer melhor as noções de distância. Dessa forma, a experiência forja as diferentes escolas de apreciação do lugar. Existem também considerações aos “lugares de memória”, que caracterizam por um meio das noções da aceleração da história e ruptura do elo entre a memória e a história. Este autor afirma que o lugar deve ser:

[...] um centro de significados e por extensão um forte elemento de comunicação de linguagem, mas que nunca seja reduzido a um símbolo despido de sua essência espacial, sem a qual torna-se outra coisa, para a qual torna-se “*sic*” outra coisa, para a qual a palavra lugar é, no mínimo, inadequada. (HOLZER, 1999).

Dessa forma, pode-se compreender o lugar como algo inacabado e que está num processo de constante alteração, aberto e em movimento. Daí, a necessidade de ampliar o entendimento do vivido para o concebido. Tuan analisa as diferentes maneiras como as pessoas sentem e conhecem o espaço e o lugar, e salienta como o homem experiencia e entende o mundo. Para ele, lugar é segurança, é também a liberdade que se sente quando se apega ao lugar. (TUAN, 1983 apud OLIVEIRA 1976). Para Nogueira (2002), o lugar é parte essencial da identidade, como sujeitos.

[...] a Geografia poderia antes de trazer uma caracterização acabada do lugar, procurar investigar e interpretar o saber que cada um traz e que é adquirido na relação de vida com o lugar. Como bem salientou Eric Dardel “para o homem, a realidade geográfica é primeiramente o lugar em que estão, os lugares de sua infância, o ambiente que lhe chama sua presença” [...] Esse lugar está sendo compreendido por nós para além de seus aspectos físicos e geométricos, aqui compreendido como lugar da vida (NOGUEIRA, 2002).

Assim, considerando os diferentes pontos de vista apresentados até aqui pelos estudiosos do lugar na Geografia, o mapa mental pode ser o instrumento ideal a ser utilizado pelos profissionais de geografia, para a compreensão dos lugares, uma vez que, através dessas representações, pode-se compreender o lugar das experiências e das vivências.

O “LUGAR” DA PESQUISA

O “lugar” como localização, é um conceito tradicional nos estudos geográficos, independente da abordagem teórico-metodológica da ciência geográfica. Nesse sentido, consideramos ser muito importante, “localizar” o “lugar” do ensaio metodológico sobre os mapas mentais, na área central da cidade de Cambé.

O município de Cambé está localizado no norte do estado do Paraná. Possui uma área de 481.418 quilômetros quadrados. Com uma população urbana de 82.072 habitantes e rural de 6.242 habitantes, perfaz um total de 88.314 habitantes. Sua taxa de crescimento anual é de 2,23% (Censo IBGE 2000).

O clima é caracterizado como subtropical úmido, mesotérmico, com verões quentes, inverno rigoroso e com ocorrência de geadas, tendência para concentração de chuvas nos meses de verão, sem estação seca definida. A umidade relativa do ar oscila, em média anual, a 20.2C e a média das temperaturas máximas é de 27.0C, com temperatura média mínimas de 14.8C. A topográfica apresenta-se com relevo ondulado e suave ondulado. Os principais rios: Rio Vermelho, Três Bocas, Jacutinga e Cafezal.

Os primeiros imigrantes encontraram regiões de solo fértil, adquiridos pela Companhia de Terras Norte do Paraná em 1925.



Figura 1 - Chegada de Imigrantes. Fonte: Museu Histórico de Cambé.

Os pioneiros de Cambé eram oriundos da cidade de Dantzig – atual Gdansk, na Polônia. Por se tratar de um importante porto industrial, Dantzig foi objeto de disputa entre a Polônia e a Alemanha, por volta da Primeira Guerra Mundial, fato que agravou ainda mais a economia daquela cidade. O alto nível de desemprego e o peso da seguridade social obrigaram o governo local a incentivar a emigração. As primeiras 10 famílias chegaram em 1931, batizando a colônia de Nova Dantzig. Devido as condições climáticas, a que não estavam acostumados, e as dificuldades encontradas na flora e fauna, ainda intocadas, enfrentaram muitas dificuldades para iniciar a colonização, causando a desistência de muitas famílias.

Nos anos seguintes, atraídos pela fertilidade das terras, vieram os japoneses, italianos, eslovacos, portugueses, alemães, espanhóis, libaneses e um grande número de paulistas. O Norte do Paraná, afinal, significava a oportunidade de reiniciar vida nova em um ambiente fértil e promissor.

Depois das primeiras matas derrubadas, vieram as lavouras, formando uma economia baseada na agricultura. A cultura cafeeira, que impulsionou a região, constituiu-se na principal atividade dos colonizadores. O comércio, inicialmente instalado para atender a demanda local, acompanhou a passos largos a evolução da colônia.

Por volta do ano de 1940, já existiam no povoado (atual Cambé), os seguintes estabelecimentos: 2 açougues, 1 oficina mecânica, 1 oficina de ferreiro, 2 selaria, 1 sapataria, tinturaria, 1 hotel, 5 pensões, 16 estabelecimentos comerciais, 3 barbearias, 2 farmácias, 2 padarias, 1 agência bancária, 2 escolas particulares, 1 escola municipal, 1 máquina de beneficiar arroz, 2 serrarias a vapor, 1 cinema em construção, serviço de água encanada, 1 linha de telefone, linha de jardineira, estação de passageiros da estrada de erro em construção em cujas linhas já corriam os trens.

A primeira capela católica a ser instalada em Cambé foi erguida pela própria comunidade, a princípio de madeira, constituída de um salão e uma torre e uma varanda na frente, uma instalação muito pequena que não dava conta de acomodar toda a população, aos poucos foi sendo ampliada e, em 1941, recebeu sua forma atual.

Com a Segunda Guerra Mundial, o Governo do Estado obrigou as cidades e as colônias de nomes relacionados com os países inimigos a trocarem de denominação. Nova Dantzig passou a se chamar Cambé, nome de um rio que corta o Município e que no idioma Kaingang, primeiros moradores deste lugar, que significa “veado”.



Figura 2 - Igreja Matriz com a primeira capela de madeira ao lado. Fonte: Museu Histórico de Cambé.

O início do desenvolvimento do espaço urbano no município deu-se inicialmente, por força dos interesses empreendedores, neste caso, inglesa, dentro de uma perspectiva regional de ocupação do espaço, bem como a exploração da área para o plantio de café. Criado através da Lei Estadual nº 2 de 10 de outubro de 1947, foi instalado em 28 de outubro do mesmo ano, sendo desmembrado de Londrina.

Nos últimos anos, a área central da cidade de Cambé passou por várias transformações. Foram realizadas obras de revitalização no calçadão, terminal urbano, centro cultural, centro de eventos e, recentemente (2003), foi concluída a obra de reforma de Igreja Matriz.



Figura 3 - Vista aérea de Cambé em 1982. Fonte: Museu Histórico de Cambé.

O desenvolvimento dessas obras trouxe à população cambense mais oportunidades na educação, cultura, lazer e esporte entre outros. Atualmente, sua formação econômica gira em torno de agricultura e de atividades industriais, especialmente a de transformação de produtos agrícolas produzidos na região. Nas últimas décadas, o município vem se destacando pelo crescimento do setor industrial. Este setor é fruto da política de atração de investimentos produtivos e remonta a década de 1970, um período de grande desenvolvimento da industrialização local e regional, que trouxe para o município indústrias como a Braswey, Coca-cola, Bunge, ITAP, entre outras.

O ENSAIO COM MAPAS MENTAIS

O ensaio foi realizado com crianças e adolescentes de nove a quinze anos nos meses de maio a julho de 2003, por Trostdorf (2003) envolvendo uma etapa de representação do lugar central de Cambé, conversas informais, avaliação, leitura e interpretação das representações elaboradas.

A conversa foi muito importante, pois através dela foi possível compreender melhor as representações feitas pelas crianças e adolescentes, quando foram reveladas suas impressões e relações de vivência com a cidade.

A avaliação dessas representações passa por três fases: a leitura do desenho feito pelas crianças e adolescentes; as revelações feitas por eles, e a interpretação dos pesquisadores.

O ensaio pode ser observado através das imagens e acompanhado nas descrições a seguir:



Imagem 1

Representada por um adolescente de treze anos, morador de um bairro distante do centro, que cursa a sétima série do ensino fundamental em uma instituição pública. Num primeiro olhar, a imagem expressa um certo domínio espacial e cartográfico, que pode ser observado no traçado, nas formas e nos elementos da cidade. Reflete um conhecimento cartográfico da organização espacial quanto à seleção, organização dos elementos que são proporcionalmente representados nesta escala. Esta representação pode revelar que esta criança possui uma relação ativa com o lugar, quando mapeia elementos fundamentais de uma cidade: Igreja, prefeitura, terminal urbano e, até, o movimento ativo da cidade, através da sinalização do trânsito. Isto significa que, como estudante e morador da cidade, possui uma estreita relação de convivência com o lugar.

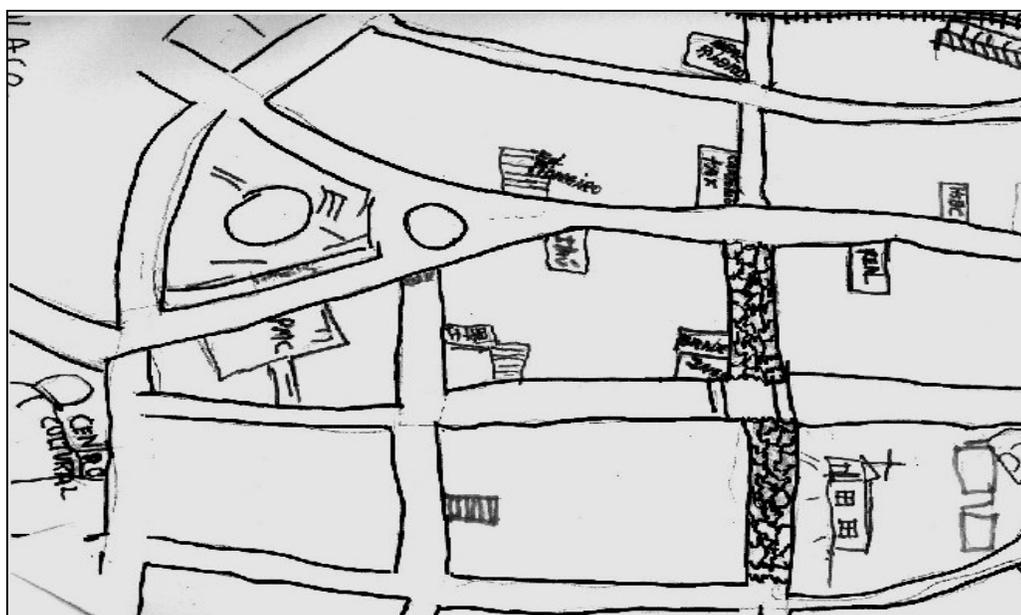


Imagem 2

Representada por um adolescente de quatorze anos, morador na zona rural que cursa a oitava série do ensino fundamental, em uma instituição privada. Observa-se, nesta imagem, a representação de múltiplos elementos da cidade, tais como: ruas, quadras, calçadão, linha férrea, bancos, supermercado, agência de correio, Centro de Eventos, cartório, Prefeitura, Igreja e Centro Cultural e edifícios.

Na sua representação, o garoto mostra ter um certo conhecimento da organização espacial do espaço urbano, mesmo não residindo na cidade. Em conversa, o garoto nos revela: *“Não gosto muito da cidade de Cambé, acho uma cidade muito mal planejada. Veja só como pode a linha férrea cortar praticamente toda a cidade! Na linha férrea já morreu muita gente, sabe? Perdi um tio nesse lugar não faz muito tempo. Então*

toda vez que passo por ali me lembro daquele dia tão triste.” Nesse sentido, entende-se que esse aluno não estabelece uma relação de afetividade com o lugar. Sua revelação parece expressar um sentimento de angústia e de raiva, e que guarda no seu coração um forte sentimento de dor.

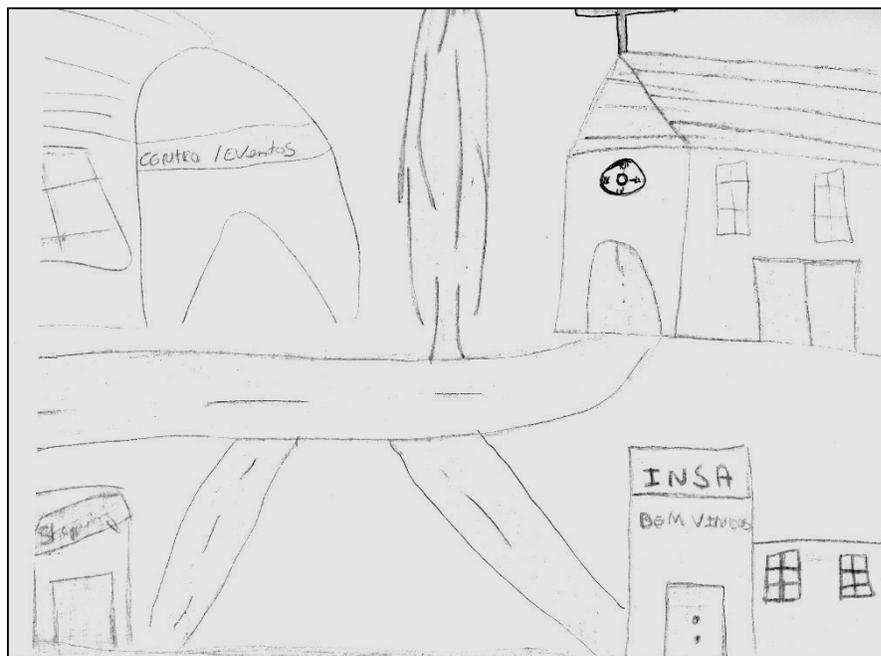


Imagem 3

Representada por uma criança de nove anos que cursa a quarta série do ensino fundamental, em um colégio particular. Uma menina, moradora de um bairro próximo ao centro da cidade. Assídua freqüentadora da Igreja Matriz, do Centro de Eventos e do shopping. Sua representação revela essas experiências, pois apresenta esses pontos de referências, distribuídos proporcionalmente na folha de papel, preservando as direções geográficas de localização. Um fato curioso em sua representação é o destaque dado a um pinheiro, que compõe a paisagem do lugar. Em conversa com a personagem, nos foi revelado: “Gosto muito de ir às festas no Centro de Eventos e, também, vou todos os domingos `a missa”. Com relação à presença do pinheiro, que já não mais existe concretamente na paisagem de hoje, chama a atenção: “Tia, você viu? Vão derrubar o pinheiro da frente da igreja. Gosto tanto dele, acho ele tão lindo!”

A representação da imagem 4 foi feita por um menino de nove anos que cursa a segunda série do ensino fundamental, em escola pública, e morador de um bairro próximo ao centro, um dos mais antigos da cidade. Seu desenho, rico em elementos e cores, destaca nuvens, avião, borboleta, pássaro, cão, flores, árvores e gramados, distribuídos por entre ruas, automóveis, ônibus, caminhão e placas de sinalização. É uma imagem que

reflete a infância, ou melhor, a “*criancice*” de seus nove anos de idade. Podem ser observados alguns pontos curiosos nas formas do ônibus e do caminhão, que não são tão reconhecidos no Brasil, e, ainda, na companhia aérea inscrita no avião. Sobre isto nos revela: “Você sabe que eu já andei de avião e que, quando eu crescer, quero pilotar um?”.

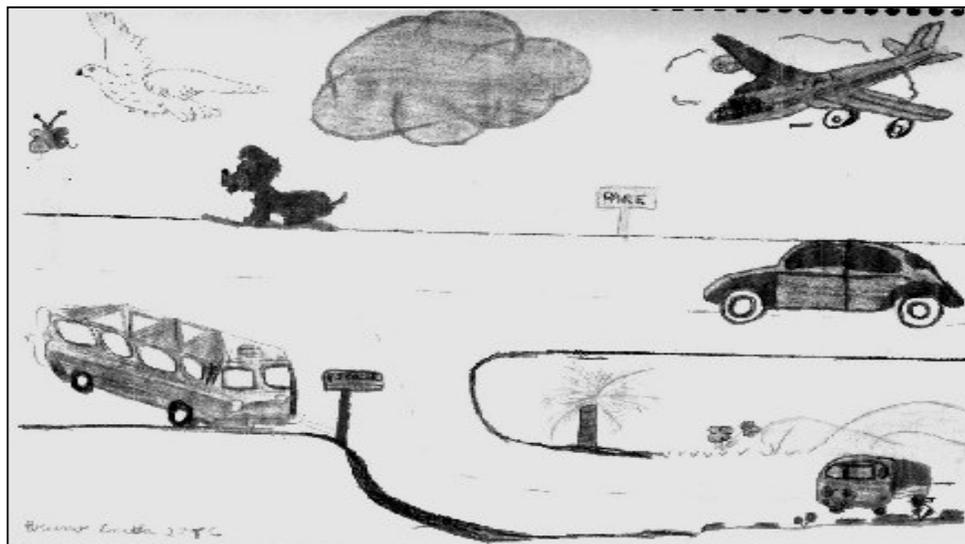


Imagem 4

Através de conversas, descobrimos que essa criança morou vários anos no Japão, o que pode ser compreendido pela sua imagem que se apresenta com muitos detalhes e cores, trazidos de sua vivência em cidades japonesas. Nesse sentido, a imagem mental dessa criança expressa a experiência e vivência em duas culturas bastante diversas e, por vezes, até antagônicas: Ocidente/Oriente.

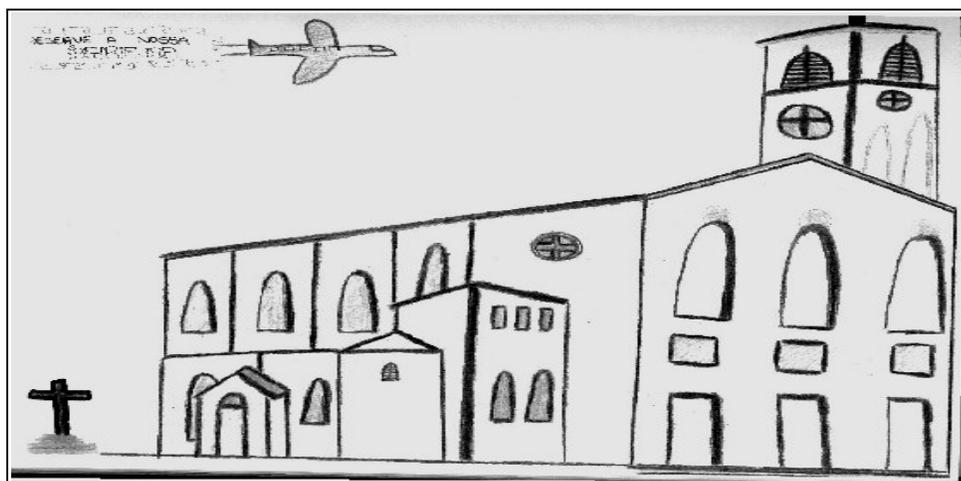


Imagem 5

Representada por uma adolescente de quatorze anos que cursa a oitava série do ensino fundamental numa escola particular e moradora de um bairro próximo ao centro da cidade. Destaca em sua representação um único elemento da paisagem: a igreja matriz, com grande riqueza de detalhes. Revela um forte laço de afetividade com este símbolo da cidade que pode ser notado pela dimensão que ela dá ao desenho, preenchendo toda a folha de papel. Essa expressão pode revelar uma relação topofílica de *hierofania*. Esse sentimento pode estar vinculado a idéia de preservação do símbolo maior da cidade, complementado pela imagem de um avião sobrevoando o céu da cidade, exibindo uma grande faixa com a seguinte inscrição: **PRESERVE NOSSA IGREJA**. É bom lembrar que, no momento da pesquisa, a igreja matriz estava interditada para reforma. Nota-se a importância dessa instituição simbolicamente, guardada em seu imaginário. Observou-se que essa adolescente é uma ativista social e que, também, participa de concursos e eventos sociais na cidade.

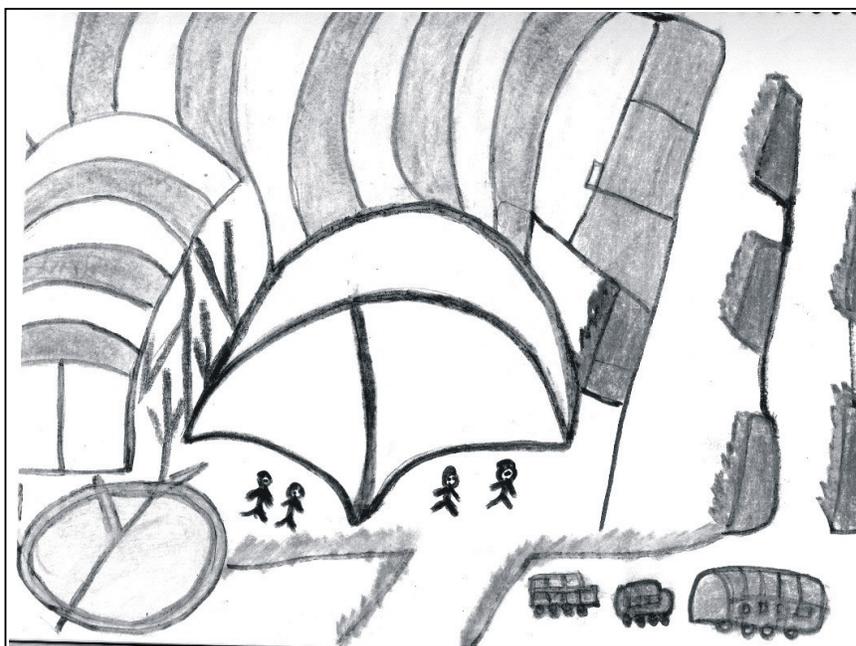


Imagem 6

Representada por uma adolescente de quinze anos, que cursa o primeiro ano do ensino médio em escola pública, moradora da zona rural. A expressão maior desta representação está na modernidade urbana – a arquitetura e sua grandiosidade que é expressa através das cores e curvas. O símbolo da cidade, para esta personagem, é o Centro de Eventos, construído recentemente (2000). Sua relação com a cidade é de alegria, conforme nos revelou, pois o centro da cidade significa diversão. O Centro de Eventos é o

lugar que ela freqüenta, somente por ocasião de festas, por morar na zona rural. Observa-se que esta imagem, ocupando toda a folha de papel, pode expressar o desejo de vir a morar na cidade, isto também, fica evidente em sua revelação: “Querida muito que meus pais morassem na cidade!” Talvez por isto, nessa representação, a igreja não é o elemento mais importante, o grande símbolo da cidade, expresso por outros.

A modernidade expulsa a Igreja, que dá lugar ao Centro de Eventos - novo ponto de encontro...*lugar de encontro*... Na representação, o novo está totalmente presente e expresso na paisagem, isto é, a modernidade. A construção deste “novo lugar” substitui um “antigo lugar” de encontro – a praça, ou seja, o Centro de Eventos ocupou literalmente a praça.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Observando as imagens, pode-se considerar que elas revelam muitos pontos em comum. O caso mais visível é a presença marcante da Igreja Matriz da cidade de Cambé – PR, que, ao mesmo tempo, representa um marco institucional, como monumento, e simbólico, a religião para as pessoas que vivem no lugar.

Do ponto de vista da cartografia, verificam-se nos mapas mentais as seguintes noções cartográficas: *proporcionalidade* entre os objetos representados, isto nos remete a uma noção de *escala*; *orientação* e direção nos objetos representados; *referência*, quando selecionam e elegem pontos mais significativos para representar no papel; além de outros conceitos que poderiam ser explorados.

O mapa mental permite observar se o aluno tem a percepção efetiva da ocorrência do fenômeno no espaço e condições de transpor essa informação para o papel. Através dessa atividade, ele trabalha com todos os elementos essenciais da cartografia quanto a sua forma de expressão, através da linguagem gráfica.

Para que o mapa mental possa ser utilizado como um recurso didático e pedagógico para o estudo de conteúdos do ensino fundamental, considera-se o planejamento do trabalho docente como um ponto muito importante, para que este recurso possa ter eficácia em sua utilização tanto na introdução de um conteúdo temático, quanto para avaliar o conhecimento que os alunos têm de um determinado lugar. Pode-se, também, levar o aluno a questionar as situações concretas que vivenciam em seu cotidiano, estimulando-os a procurar respostas para os problemas sociais e ambientais. Desse modo, o aluno poderá compreender melhor a sua realidade, ajudando a construir e reconstruir a realidade do mundo e transformando-se em um agente ativo do processo.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

HOLZER, Werther. **O lugar na geografia humanista**, In: Revista Território. LAGET, UFRJ, ano IV, nº 7, jul/dez. Rio de Janeiro, 1999.

NETO, José García Gonzáles. **Breve história da Paróquia Santo Antonio de Cambé**, 1992.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar** In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Livia de. **Percepção da paisagem geográfica: Piaget Gibson e Tuan**. In Geografia editada pela Associação de Geografia Teórica, V.1. Rio Claro, SP.: AGETEO, 1976. V.25.

PCN - **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs**. Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997.

PETCHENIK, Bárbara Bartz. Cognição e cartografia. **Geocartografia**. n.6, São Paulo:USP, 1995

RELPH, Edward C. **As bases fenomenológicas da Geografia**. Geografia.v.4, n 7, 1-25, abril, 1979.

SIMIELLI, Maria Elena. **Cartografia no ensino fundamental e médio**. In: **A Geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

TROSTDORF, Maria Aparecida da Silva. **Mapas Mentais na Representação do Lugar: Ensaio Metodológico na Área central na cidade de Cambé – PR**. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia) - Universidade Estadual de Londrina-UEL, 2003.

TUAN, Yi –Fu. **Topofilia, um estudo da percepção, atividades e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 288 p.1980.